

ESCREVER-VIVER: ÉTICA E POLÍTICA

WRITING AND LIVING: ETHICS AND POLITICS

Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: marcelepr@hotmail.com

RESUMO

Este texto inspira como tema os modos de escrita, em especial aquele que se desprende ao levar em conta tudo aquilo que não pode ser representado: o escrever que experimenta fluxos em passagem, intensidades em errância, transversalidades à deriva. Trata-se de pensar uma escrita que surge inspirada pelos elementos intensivos e variantes da vida. Este texto se coloca a partir da necessidade de uma escrita mais sintonizada a esse intenso e compõe-se por algumas reflexões que pretendem ativar as potências éticas no escrever, sem deixar, no entanto, de considerar as oportunidades de topar com algumas questões políticas.

Palavras-chave: Escrever. Vida. Ética. Política.

ABSTRACT

This text takes as its theme the modes of writing; especially one that detaches to take into account everything that cannot be represented: the writing act that experiences flows of passing, intensities in wandering, drifting transversalities. It is to think a writing that appears, inspired by intensive elements and variants of life. This text arises from the need for written more attuned to this intensity and consists of some reflections that aim to enable the ethical powers in writing, however without living, to consider the opportunity of facing some political issues.

Key-words: Writing. Life. Ethics. Politics.

1 INTRODUÇÃO

Este texto inspira como tema os modos de escrita, as formas através das quais colocamos nossas questões. Trata-se de colocar em questão nossas próprias práticas; tendo em vista que na academia trabalhamos com a escrita: mestrado, docência, doutorado, produção de artigos... Nossas ferramentas de trabalho são por escrito e, entretanto, as escritas acadêmicas

por vezes parecem um tanto quanto inexpressivas, sem intensidade, mero meio para comunicar – relatar, dissertar, representar – enfim, expor um conteúdo, este sim relevante, como se, no limite, nunca fosse relevante a forma com que algum conteúdo é tratado. Com efeito, comunicar e dissertar sobre nossas questões também é importante, sem dúvida alguma. No entanto, sempre que comunicamos, comunicamos aquilo que pode, de fato, ser comunicado, aquilo que pode ser representado e que, para isso, acaba mantendo um mínimo de estabilidade e invariância. Comunicamos, enfim, somente aquelas questões comunicáveis, representáveis, manuseáveis.

Mas como fica a escrita daquilo que não pode ser representado? Como escrever com aquilo que não permanece, que não segue uma rota única, nem ao menos encerra uma racionalidade definível? Pois, com as Filosofias da Diferença – e pensadores como Deleuze, Nietzsche, Blanchot, Barthes (PETERS, 2000) – vemos a vida sendo feita também de fluxos, variações inusitadas e irracionalmente inapreensíveis, que acabam nunca tomando alguma forma constante para que possa ser comunicado. E, encarando a vida como esse emaranhado de forças intensas em errância, por que deveríamos continuar a escrever como se isso não existisse? Por que deveríamos continuar a dispor de uma escrita que expulsa todo devaneio, toda multiplicidade, esta mesma que faz da vida algo extraordinariamente fantástico e sem finalidades, apenas intenso?

Este texto se coloca a partir da necessidade de uma escrita mais sintonizada a esse intenso, cujas forças parecem sempre banidas pela exigência de certa limpidez acadêmica. Ele compõe-se por algumas reflexões que pretendem tensionar a escrita quanto a seus modos de ser e as maneiras de ativar algumas potências capazes de fazê-la seguir escrevendo. Acreditamos que esta ativação tangencia a dimensão ética da escrita, uma vez que exige muita vida e alguns fluxos à deriva. Este texto busca, afinal, perpassar algumas dessas possibilidades éticas da escrita, sem deixar, no entanto, de considerar as oportunidades de topar com algumas questões políticas.

2 ESCREVER-ADENTRAR

Quem escreve com o sangue e em sentenças não quer ser lido, mas sim apreendido de cor. Nas montanhas, o caminho mais próximo é o de um topo a outro: mas para isso tu deves ter pernas longas. Sentenças devem ser topos: e aqueles, para os quais algo é dito, devem ser grandes e altos (NIETZSCHE, 2003, “Do Ler e do Escrever”).

Este texto pretende pensar a escrita neste momento no qual proliferam experiências de pensamento capazes de produzir uma multiplicidade de conceitos, definições e mesmo nomenclaturas que acabam recolocando a questão da escrita sempre em novos planos. Desses

pensamentos projetados no contemporâneo, o das Filosofias da Diferença nos parece bastante fecundo no trato com a escrita. Eles permitem pensar as práticas de escrita de um modo afastado das possibilidades representativas, ao passar a entendê-las como práticas em experimentação de elementos que mantêm certa vibração de intensidades, a partir das quais a criação é sempre possível.

Para pensarmos a escrita dessa forma, é preciso, antes, entender que grande parte das teorias semiológicas e linguísticas sustenta-se na ideia de que a linguagem faz parte de um sistema de comunicação, seja oral ou escrito, tendo por base a representação. Isto significa que a linguagem é entendida, em meio a estas teorias, como um instrumento da comunicação, uma ferramenta para compreender a realidade, tendo em vista sua habilidade para representar o mundo e o pensamento: “A ideia de que a função principal e imprescindível da linguagem seja a de representar o mundo está muito fortemente arraigada entre nós e escancaradamente presente em quase todas as teorias linguísticas” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 29).

Destas concepções da linguagem, por conseguinte, desprende-se a compreensão de uma escrita também representativa. Bem sabemos o quanto a escrita é largamente usada com o objetivo de transmitir conteúdos ou objetos, parecendo não passar de um instrumento para comunicar ou representar alguma coisa que não está ali, remetendo a algo ‘para além’ dela mesma. Blanchot (1997), explica que se trata de um modelo, de uma forma de escrever eminente e tradicionalmente aceita e, tomada como um veículo de conteúdos, quanto mais organizada e correta ela estiver, menos visibilidade tem a própria escrita, para que mais nítidos se tornem os conteúdos aos quais ela infere.

Neste sentido, a escrita pode ser entendida como uma organização razoavelmente estável, pois submetida a regras racionais e partilhadas entre todos. Através desse modo de escrita, então, se dá uma operação de representação do mundo sob a forma de signos convencionalmente reconhecidos. Assim, o que parece estar em jogo, neste caso, é uma capacidade humana de apreender o mundo, os conceitos que o compõem, e a própria vida em sua totalidade através da razão.

Não sentimos nenhuma dificuldade sequer em reconhecer, nesse modo de escrita, uma utilidade e até mesmo uma necessidade. Por meio dela, podemos compreender o mundo, obtendo certo domínio sobre as coisas que nos cercam e sobre a vida que nos rodeia. Diz Blanchot (1997) que, de fato, através dela, a compreensão não para de se realizar, parecendo mesmo atingir um ponto de perfeição.

Entretanto, inquietamente, Blanchot (1997, p.78) segue se perguntando: “haverá algo mais rico?”. Esta é a pergunta de Blanchot que coloca a contemporaneidade de seu pensamento, esperando algo mais da escrita, esperando que a mesma possa portar algo que, afinal,

ultrapassasse esse uso meramente representativo e racional. Blanchot traz, com sua pergunta, a abertura para pensar a escrita em um novo âmbito, possivelmente mais rico que o mero representar.

É que talvez o problema desse uso da escrita, se não está em fazer compreender, parece surgir quando se supõe que o mesmo possa, de fato, captar e traduzir a totalidade da vida que nos vive, que possa, efetivamente, representá-la em sua plenitude e intensidade, em sua multiplicidade. E, no entanto, não se trata de sair em busca de uma forma de escrita mais segura ainda, que possa decididamente esgotar a vida, já que é próprio da vida mesma sempre dar um jeito de evadir-se de qualquer segurança ou organização possível. Como ilustra Waly Salomão:

A vida não é uma tela e jamais adquire o significado estrito que se deseja imprimir nela. Tampouco é uma estória em que cada minúcia encerra uma moral. Ela é recheada de locais de desova, presuntos, liquidações, queima de arquivos, divisões de capturas, apagamento de trechos, sumiço de originais, grupos de extermínio e fotogramas estourados (SALOMÃO, 1996, p. 43).

Afinal, para os pensadores da diferença, na vida há sempre elementos indiferentes à representação e à racionalização, elementos em que não há ordem ou organização possível, que nunca atingem uma totalidade, a partir da qual seria permitida alguma captura pela linguagem. São multiplicidades em estado de variação contínua e, portanto, nunca prontas ou ordenadas, não condensadas em dados representáveis; são compostos que justamente vêm romper com a trama representativa, que vêm quebrar a manutenção das racionalidades, que não se prestam à comunicação, nem sequer têm uma alguma utilidade.

É o plano dos fluxos, das contingências, dos combinados de forças inomináveis. É o plano dos elementos que, por estarem ligados ao tempo e ao espaço, se tornam singulares em sua plenitude, irrepetíveis, ou que só se repetem num outro tempo e num outro espaço e, portanto, sempre se diferindo. Irrepresentabilidades que são “uma vida imanente, que é pura potência e até mesmo beatitude” (DELEUZE, 2002, p. 14).

O que estas constatações trazidas pelas Filosofias da Diferença implicam para a questão da escrita e que, de certa forma, apresentam como novidade ao pensamento contemporâneo é que nem tudo pode ser representado, nem tudo pode ser traduzido racionalmente, sob a forma de signos compreensíveis. Há sempre algo do qual não somos capazes de decifrar, do qual não conseguimos estabelecer algum domínio compreensivo, nem mesmo pela linguagem, nem mesmo pela escrita.

São considerações que trazem a possibilidade de repensar a escrita, no sentido de deslocá-la daquele lugar de mera representante de conteúdos. Se, neste caso, já não é possível usar a escrita para representar e tornar inteligíveis as coisas do mundo, visto que o mesmo conta com estas disposições irrepresentáveis, quais outras possibilidades se abrem para pensar a

escrita? De que maneira podemos ainda falar de escrita quando algo escapa à representação? Podem, afinal, estes elementos que não se prestam à representação instigarem uma escrita? De que forma esse plano de contingências pode fazer escrever sendo composto apenas por elementos desordenados, inomináveis? Que escrita é essa que se desprende dos fluxos e das marcas do tempo, se já não cabe representá-los?

3 ESCREVER-EXPERIMENTAR

A contemporaneidade, inspirada por estes pensadores, vai então afirmar que, sim, sempre é possível escrever com esses elementos irrepresentáveis. Mas insistindo que se trata, ao invés de escrever “sobre” esses fluxos extravagantes, tornando a representá-los, o caso agora é de escrever “com” sua intensidade, tratando de mantê-la em movimento na própria escrita e, portanto, abdicando, ao menos um pouco, do intuito instrumental e representativo da linguagem.

Para as filosofias contemporâneas da diferença, então, são justamente os elementos sempre em devir que permitem pensar uma escrita de intensidade, aquela que se dá para além da perspectiva representacional, ao entender que, por mais que o elemento em fluxo não possa ser representado, ele pode, pela escrita, ser expresso, ser experimentado.

Assim, a escrita que se desprende desse plano de fluxos é sempre uma experimentação. Aliás, é o que resta ao plano de forças irrepresentáveis: ele apenas pode ser experimentado, seja através da escrita, da arte, de uma pesquisa, da vida, ou através dos meios que surgirem, já que, afinal, quando algo dele passa a ser representado, esse ‘algo’ já se torna um outro plano, o plano organizado das formas, aquele que abarca elementos que já conseguimos nomear, usar, comunicar e, assim, obter certo domínio e compreensão. Eis a importância de uma aposta na experimentação: pois não há outra possibilidade de lidar com os elementos irrepresentáveis.

Dessa maneira, a escrita de intensidade – que aqui chamamos de escrita em transversal –, ao invés de reconhecer e traduzir aqueles elementos em variação, ao invés de usar os elementos em devir e tentar obter deles uma total apreensão e representação, busca colocá-los em movimento, mantê-los em variação. Por isso, não se trata de uma escrita que simplesmente ‘fala sobre’ o devir, mas de uma escrita que busca expressá-lo, experimentá-lo, afirmando-o em sua máxima potência. E então a questão da escrita passa a ser entrar em conexão com os fluxos sem transformá-los em elementos que já não conseguem mais variar. Representar o devir e o fluxo da vida acabaria, enfim, com o próprio devir. E, com efeito, ao representar uma diferença em variação, é necessário sempre que esta variação seja estancada, que a diferença mesma pare

de se diferenciar, o que faz com que a toda vez que uma intensidade seja representada, ela deixe de existir. Afinal, já apelava Deleuze em seu *Pensamento Nômade* (2006, p. 325): “não troquem a intensidade por representações!”.

Assim, se já não cabe representar, a escrita contemporânea aposta na experimentação. Insiste na experimentação de possibilidades que, ao invés de expulsarem os elementos intensos e o acaso acontecimental, possam fazê-los falar e com eles traçarem novas linhas, mantendo sua potência de variação. Escrita como lugar de proliferação desses elementos intensivos, onde se encontram com outros, advindos de outras linhas, surgidos de outras movimentações e, com eles, gerando novas composições. Experimentar uma escrita errante, do escrever sem a garantia dos vínculos e nexos racionais, sem a segurança do plano que nos fornece formas, organizações, estabilidades. Experimentar uma escrita que abdica do ímpeto de comunicar, de utilizar, de interpretar, de significar, de servir, de racionalizar, de salvar. Experimentar essa deriva do irrepetível sem dispor de um método que o conecte sempre a uma explicação geral e racionalmente aceita. Experimentar uma escrita vertida de um tempo carregado de ranhuras que tornam seus feitos singularmente outros. Experimentar o escrever em errância, em obliquidade, em equivocidade. Experimentar uma escrita que esgarça seus próprios limites, para ver até onde pode chegar e o quanto ainda é capaz de errar, de se transversalizar, e de criar novas linhas de vida.

4 ESCREVER-VIVER

O problema da escrita em transversal já não é tentar responder à questão: ‘como melhor representar os conteúdos?’, isso já não lhe interessa mais. Interessa-lhe, ao invés disso, estar em meio a novas perguntas, como: ‘de que modo fazer com que o conteúdo em variação contínua permaneça ainda em plena variação?’, ‘como permitir que o que era fluxo intensivo da vida não deixe de existir pela escrita, que ele não perca nada em intensidade, mas permaneça cada vez mais intenso e gerando ainda inúmeras outras potências?’, ‘como seguir experimentando sem cair nas armadilhas da representação?’.

São questões que a escrita vai se colocando o tempo todo, vai tentando trazer alguns rastros de respostas, vai construindo outras questões em cima dessas, mas entendendo que deixá-las vivas mantém a própria escrita também viva, em movimento. E percebe que deixá-las vivas é importante na medida em que a vida é o que há de mais valioso para uma escrita que se põe a errar e se fragmentar nas veias do tempo.

Afinal, para alguns, escrever é representar conteúdos vividos; para outros, é fazer viver pela escrita, experimentar a vida por meio da própria escrita. No primeiro caso, a escrita se torna a representante de uma vida que não está ali, sendo usada como um instrumento capaz de ordená-la, de impor-lhe algumas determinações e até mesmo limites. No segundo caso, ao contrário, a escrita expressa vida e torna possível a arte de criar ainda mais vidas, ao adensar tantas outras potências vitais.

Para o primeiro caso, a vida que a escrita consegue entrar em conexão é uma vida pessoal, do humano escritor que lembra e escreve com seus próprios sentimentos. É enquanto representação de conteúdos que a escrita vê poucas possibilidades além de narrar lembranças pessoais de um indivíduo, de descrevê-las como objetos de um sujeito. Pois que, para representar, é preciso que o mundo se bifurque e sejam instauradas algumas dicotomias, como essa entre sujeito e seus objetos, que autoriza o primeiro a escrever sobre os segundos.

Em contrapartida, ao entender a escrita como expressão de vida, elimina-se qualquer dicotomização, instaurando alguns E's, em meio aos quais as multiplicidades permitem variações inusitadas. “Viver é transformar-se dentro da incompletude. A vida nesse sentido é toda anedotas, detalhes, instantes” (VALÉRY, 2009, 15).

E assim, na escrita que expressa vida, já não cabe a separação entre aquele que escreve e aquele que vive, entre as lembranças e o que se consegue, posteriormente, escrever sobre elas, instaurando significados. Não há bifurcações, tratando-se de uma escrita singular, ela mesma viva, que não espera viver para depois escrever sobre o que viveu. Vive-se e experimenta-se por meio da própria escrita. É a vida seguindo suas linhas por escrito. Linhas que seguem criando outros modos de viver, que seguem se transversalizando e inventando outras formas de experimentar o devir e a errância, pura criação que surge sempre que escrita e vida anunciam bodas. Já dizia Deleuze (1997) que o propósito do escrever era mesmo liberar vida, criando-a, a vida que preenche a obra de “sinais de ardente e desempenhante humor, um produto da alegria, mais do que qualquer substância íntima” (MANN, 1979, p. 92), a vida escrita que Gustav von Aschenbach encontra em Veneza.

Difícil para alguns, extremamente prático para outros: a vida expressa por escrito. É a vida em ato, a vida em carne viva:

Descobri que o que desejara a vida toda não fora viver – se o que os outros fazem se chama viver – mas me expressar. Percebi que jamais tivera o mínimo interesse em viver, mas só naquilo que faço agora, uma coisa paralela à vida, ao mesmo tempo parte dela, e além dela (MILLER, 2008, p.9).

Escrever: traços éticos e políticos

A vida oblíqua? Bem sei que há um desencontro leve entre as coisas, elas quase se chocam, há desencontro entre os seres que se perdem uns aos outros entre palavras que quase não dizem mais nada. Mas quase nos entendemos nesse leve desencontro, nesse quase que é a única forma de suportar a vida em cheio, pois um encontro brusco face a face com ela nos assustaria, espantaria os seus delicados fios de teia de aranha. Nós somos de soslaio para não comprometer o que pressentimos de infinitamente outro nessa vida de que te falo. Eu vivo de lado – lugar onde a luz central não me cresta (LISPECTOR, 1998, p. 64).

Temos insistido na relação entre escrita e vida. Isso nos exige uma consideração sobre ética, afinal, ética é, antes de qualquer coisa, um posicionamento a favor da vida. Não vamos longe se não assumirmos que a ética está sempre ao lado da vida e do que a faz intensificar-se.

Assim, o que vai definir a dimensão ética de uma escrita talvez esteja na coragem e na vivacidade com que expressamos vidas. Há tanta escrita sem vida, há tantos escritos cansados, que parecem mesmo perder sua ética. Se a ética está no “rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças” (ROLNIK, 1996, p. 246), talvez a ética na escrita esteja mesmo num posicionar-se à escuta – e à escrita – da própria vida, expressando seus elementos intensivos, ativando seus devires que fazem compor novas vidas, que fazem mergulhar em tantas linhas de outridades. A ética do escrever diz respeito a uma escolha pela vida, sem deixar de lembrar que a mesma não é composta apenas por elementos representáveis, mas também pelos emaranhados transversais que a fazem se diferir o tempo todo.

A dimensão ética da escrita não está em mostrar o lado do bem ou do mal a não seguir, não está em mostrar como ser correto ou ser incorreto, nem mesmo em escrever a verdade ou a mentira; a ética não aponta os caminhos a serem seguidos, as repostas prontas a serem reproduzidas, os métodos a serem plagiados. A ética não é uma escolha moralista, pré-definitiva do viver, ou generalizada para todas as formas de vida independente das experiências. A ética é ainda uma escolha, mas uma escolha em favor da vida em estado de experimentação singular, da vida naquilo que a faz pulsar com mais esplendor e intensidade, naquilo que a torna renovada em outras cores e sons e cheiros, naquilo que a revolve escavando novidades, elevando-a em potencialidade.

Além disso, são os fluxos não representáveis que desmancham as realidades já instauradas sem, no entanto, deixar de tensionar a produção de novos modos de viver. São, afinal, estes elementos variantes que fazem a vida transmutar-se em sempre novas formas,

renovando-se a cada instante, sem os quais ela seria o ad-infinitum das formas estabelecidas. São eles que fazem da vida um criar inesgotável. E, nesta direção, se a ética está em tomar partido da vida, há que não esquecer que a vida é, ela própria, essa transmutação permanente e então falamos de uma ética em favor também dessa mudança, desses rompimentos com as formas estabelecidas, com as maneiras de ser habituadas consigo mesmas.

No campo da escrita, são esses elementos intensivos que, ao se diferirem, tensionam a fabricação de novos modos de escrever e traçam permanentemente uma ruptura com qualquer modelo de escrita, desfazem padrões e problematizam qualquer constância na escrita, como aquele que a toma por mero veículo de conteúdos. E é por isso que a dimensão ética da escrita não está apenas em expressar os devires da vida, mas também esses rompimentos gerados por eles.

Assim, podemos pensar, com Deleuze (1997) que o escritor trabalha mesmo com a exploração daquela zona de intensidades em variação, tratando de criar, para elas, uma expressão para além do representacional e da organização da língua. E é neste sentido que se pode dizer que todo o trabalho do escritor será em cima dessa organização, da sintaxe da língua, tratando de desorganizá-la, de desarticulá-la, deixando expressar o inominável e fazendo com que se escreva, enfim, algo nunca antes escrito.

Podemos ainda pensar com Barthes, que dirá que, ao invés de destruir os signos, o escritor irá jogar com eles “colocando-os numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebetam” (BARTHES, 2007, p.27), tanto que Barthes insistia em dizer que seu método era relutante, “manter ao revés e contra tudo, à força de uma deriva” (Idem, p.26).

Vemos o quanto as possibilidades éticas da escrita sempre se encontram embebidas pela sua dimensão política, que diz respeito ao modo como se confere um tratamento, um uso diferente – menor – a uma língua majoritária, que são aquelas com as estruturas homogêneas, centradas em invariantes, em constantes sintáticas e que, com isso, definem padrões de formas e de sentidos. A política-ética da escrita trata então de combater essas estruturas de constância da língua, tendo em vista que são elas que, assegurando a coerência da representação, veiculam e eternizam uma ordem e um modelo de escrever e de se colocar no mundo, difundindo imperativos morais que denotam diretrizes para todo o senso comum.

É por este motivo que, para Barthes (2007), a escrita é sempre um meio de desprender o poder, de inutilizar o poder, de ‘teimosia’: afirmar na escrita o que ainda resiste aos discursos tipificados, institucionalizados, modelados, cansados demais. Por isso, a prática ético-política

do escritor não é ser mantenedor de uma função, mas teimar, recusar os meios tradicionais de escrever, abdicar das constâncias e modelos que perpetuam a ordem e os padrões de viver. Teimosia como a política-dos-apesares que Thomas Mann faz lembrar através de Gustav von Aschenbach que havia dito que

Quase tudo o que de grande existia, existia como um apesar, realizado apesar da aflição e tormento, pobreza, abandono, fraqueza corporal, vício, paixão e mil obstáculos, era uma experiência, era, por assim dizer, o preceito de sua vida e sucesso, a chave para sua obra (MANN, 1979, p. 96).

Começar a problematizar a escrita, intrigar-se em suas linhas, ou ao menos torná-la um pouco mais visível, se torna uma possibilidade de tirá-la daquela condição de simples transmissora de conteúdos, para torná-la expressão de multiplicidades vitais.

As possibilidades éticas da escrita esboçam, assim, oportunidades de torná-la política, uma vez que toda ética exige vida e toda vida é luta teimosa, é fissura aberta à perambulação de sentidos e de outras vidas. Toda vida é composta por combates, disputa entre forças desabitadas, vestidas de beira e meada.

5 ESCREVER-SEGUIR

Não é novo, certamente, o tema da escrita. Filósofos, psicólogos, artistas, linguistas, psicanalistas e mais um tanto de gente tem se interessado por ele. Novidades? Não são aqui “pretendidas, buscadas, objetivadas”, no entanto, toda escrita que se coloca como uma experimentação errante é sempre singular. Trata-se aqui, de pensar possibilidades de escrita que possam experimentar um tempo e uma errância à deriva, inesgotáveis em variação.

Afinal, como sair de uma escrita meramente representativa, de um modo de escrever que se desvie do que há de múltiplo e oniricamente impensável? Como então se virar com uma escrita que quer abraçar esse irrepresentável, o intenso que nos cerca, que nos invade, que nos arranca o chão e faz torcer os sentidos com os quais estávamos mansamente acostumados? Como, ao escrever, não perder a dimensão da criação, da intensidade que arromba nossos sentidos? Talvez não seja mais o caso de falar disso, mas colocá-los a funcionar: experimentá-los, fazê-los tomar vida, tomar linhas. Ingressar em uma zona de ressonância com a multiplicidade. Atiçar escritas do irrepresentável, do inominável, em suas múltiplas vozes.

Deixar tomar forma um texto que busque ser uma degustação sem modelo, sem categoria. Que se dê por necessidades: necessidade de um outro modo de escrita, dessa escrita desvinculada de modelos, de políticas (polícias) de linguagem. Necessidade de colocar em

questão, na academia, novos modos de escrita. Necessidade de escrever de outro jeito. Jeitos sutis, improvisados, jeitos por vezes desajeitados. No entanto, um jeito diferente daquele das escritas que seguem manuais, que copiam padrões e são feitos com tantas réguas reguladoras, as mesmas que caracterizam tão bem o dizer acadêmico.

Para a academia, é sempre hora de abrir certo ambiente para uma escrita que se pensa, que se problematiza, ao invés de simplesmente comunicar. Pois pensar de outra maneira exige escrever de outra maneira também.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Collège de France, pronunciada dia 07 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2007.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **A imanência**: uma vida... Trad. Tomaz Tadeu. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 27, nº 2, p. 10-18, jul./dez. 2002. (Original de 1996).

DELEUZE, Gilles. **Pensamento Nômade**. Em: _____. *A Ilha Deserta e outros textos*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANN, Thomas. **Tônio Kroeger**: A Morte em Veneza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MILLER, Henry. **Trópico de capricórnio**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Trabalho originalmente publicado em 1885).

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROLNIK, Suely. Despedir-se do Absoluto. Em: **Cadernos de Subjetividade**, Nº. Especial: 244-256. Núcleo de Estudos e Pesquisas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC-SP. São Paulo, jun. 1996.

SALOMÃO, Waly. **Algaravias**: Câmara de Ecos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

VALÉRY, Paul. **Alfabeto**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.